

A visão Utópica de Antônio Conselheiro nas obras de Mario Vargas Llosa e José Jacinto Veiga

Jaime Adrián Prieto Valladares¹

Introdução

Não poucas pessoas no sertão brasileiro viram uma serpente enroscada perto de uma pedra e procuraram matá-la por temor de ser picados ou para comer sua carne. E, com grande surpresa descobriram que, o que eles pensaram que era uma serpente, não era mais que sua antiga casca. A partir dessa parábola da mudança da casca da serpente, um réptil muito comum no sertão nordestino, o escritor goiano José J. Veiga² pretende apresentar na sua novela *A casca da serpente*³ um rosto diferente de Antonio Conselheiro. Se Euclides da Cunha⁴ em sua obra *Os Sertões*⁵, e o escritor peruano

¹ Costaricense, Doctor em Teología pela Universidade Estadual de Hamburg, Alemanha Federal (1992). Atualmente é professor de historia, teología e literatura na Universidad Bíblica Lationamericana, San José, Costa Rica.

² José Jacinto Veiga nasceu em Corumba, Goiás, estado de Mato Grosso, Brasil no ano 1915. Escritor de literatura moderna brasileira. Morreu em 1999 no estado do Rio de Janeiro. Entre suas publicações sobre contos para crianças encontramos as seguintes: a) *Os Cavalinhos de Platiplanto*, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1995; b) *Diálogo da relativa grandeza*, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1995. Entre suas novelas de ficção temos: a) *Torvelinho dia e noite*, Rio de Janeiro: Editores Bertrand Brasil, 3a. Edição, 1993; b) *Sombras de reis barbudos*, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A., 21a. Edição, 1995; c) *A hora dos ruminantes*, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S. A., 31a. Edição, 1996.

³ José J. Veiga, *A casca da serpente*, Rio de Janeiro: Editor Bertrand Brasil S.A., Quarta Edição, 1994. (Primeira edição em 1989). Em adelante nos referiremos a esta obra com a abreviação CS.

⁴ Euclides da Cunha nasceu em 20 de janeiro de 1866 em Cantagalo, Vale do Paraíba do Sul, na provincia do Rio de Janeiro. Com apenas 22 anos de idade e siendo cadete da Escola militar de Rio de Janeiro abandonou sua carreira militar por causa de suas convicções republicanas. Esteve no exilio durante a ditadura florianista (1891-1894). Euclides foi convidado como corresponsal do jornal Estado de São Paulo para informar sobre a quarta expedição militar da Republica contra Canudos em 1897. Anos depois, em 1902 ele publicou essa experiencia histórica na obra *Os Sertões*. Euclides da Cunha morreu num tiroteio contra os irmãos cadetes Dinorá e Dilermando Candido de Assis, amante de sua mulher, em 15 de agosto de 1909. Ver: Roberto Ventura, *Retrato interrompido da vida de Euclides da Cunha*, (Organização: Mario Cesar Carvalho e José Carlos Barreto de Santana), São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁵ Da Cunha, Euclides, *Os sertões, Campanha de Canudos*. (Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão), São Paulo: Editora Ática, 1998.

Mario Vargas Llosa⁶ em sua novela *A guerra do fim do mundo*⁷ apresentaram o rosto de um messias cuja missão está caracterizada por um fanatismo apocalíptico; José J. Veiga, em sua novela "A casca da serpente" retoma a história de Canudos e a retifica apresentando Antonio Conselheiro com um novo rosto do messias ressuscitado, quem leva adiante sua missão de criar uma comunidade de justiça e paz, tal como descrevera o profeta Isaías. Porém, este ensaio procura discernir criticamente as visões utópicas do Antônio Conselheiro subjacentes nas novelas de metaficção historiográfica⁸ de Mario Vargas Llosa e José Jacinto Veiga.⁹

1. Comparação estrutural das obras literárias

Ambas as obras fundamentam-se no evento histórico ocorrido no sertão nordestino entre os anos 1889 e 1897, quando o líder carismático Antônio Conselheiro construiu uma comunidade de bens em um lugar conhecido como Canudos. Por causa da sua forte oposição as disposições do novo governo militar republicano¹⁰, com respeito ao controle estatal dos casamentos e cemitérios; a circulação de uma nova

⁶O escritor peruano Mario Vargas Llosa, Premio Nobel da Literatura em 2010, nasceu em Arequipa, Peru em 28 de março de 1936. Seu nome figura no América Latina entre os mais destacados escritores da novela histórica como Alejo Carpentier (Cuba), Antonio Benítez, Gabriel García Márquez, Carlos Fuentes (México), Elisabeth Allende (Chile), Giacomina Belli (Nicaragua). Entre suas obras que antecedem a *Guerra del fin del mundo* encontramos: *La casa verde* (1966), *Los cachorros* (1967), *Conversación en la Catedral* (1969) e *Pantaleón y las visitadoras* (1973). Para um análisis detallado destas obras consultar: Boldori de Baldussi, Vargas Llosa: Un narrador y sus demonios, Buenos Aires: Colección de Estudios Latinoamericanos, 1974.

⁷*La guerra del fin del mundo*, Barcelona: Editorial Seix Barral, S. A., 1995. (Primeira edição em 1981). Em adelante nos referiremos a esta obra com a abreviação GFM.

⁸As origens da novela histórica remontam a obra pioneira de Walter Scott, quem publicou em 1814 a novela *Waverly* na época da queda do Napoleão Bonaparte. Este tipo de gênero literário é definida por Georg Lukács como a concretização "orientada a captar a singularidade histórica das pessoas e situações plasmadas." Georg Lukács, *La novela histórica*, México: Ediciones Era, 1966, p. 15-102. Antecedentes sobre a novela histórica latinoamericana em: Menton Seymour, *La nueva novela histórica de la América Latina 1979-1992*, México: Fondo de Cultura Económica, 1993. Atualmente se utiliza também a expressão "metaficção historiográfica" para definir este tipo de literatura. Linda Hutcheon define a metaficção historiográfica como "romances famosos e populares que, de maneira paradoxal, também se apropriam de acontecimentos e personagens históricos." Linda Hutcheon, *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*, (Tradução de Ricardo Cruz), Rio de Janeiro: Imago, 1991, p. 21.

⁹María L. Laboissière de Carvalho e María W. de Oliveira Cabral, "Historia e metaficção na novela *A casca da Serpente*, de José J. Veiga", XI Congresso Internacional de ABRALIC, Têssituras, Interações, Convergências, USP – São Paulo: 13 a 17 de julho de 2008.

¹⁰Sobre o grupo de militares jovens que derrocaram a monarquia no Brasil e construíram o novo governo republicano, ver: Celso Castro, *Os militares e a República. Um estudo sobre cultura e ação política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

moeda e a criação de impostos. A comunidade de Canudos é assediada militarmente uma e outra vez até cair definitivamente sob o controle dos batalhões militares conduzidos pelo General Artur Oscar de Andrade Guimarães em 5 de outubro de 1897.

A novela de Mario Vargas Llosa "A guerra do fim do mundo" apresenta o conflito de Canudos como a guerra total entre os camponeses do sertão e os soldados da nova república brasileira. Gloria Ceide¹¹ resume a estrutura dessa monumental obra da seguinte maneira:

Estrutura da novela "A guerra do fim do mundo" (Vargas Llosa)

PARTES		CAPITULOS						
UM	I	II	III	IV	V	VI	VII	
DOIS	I							
TRES	I	II	III	IV	V	VI	VII	
CUATRO	I	II	III	IV	V	VI	VII	

As partes um, três e quatro abordam as quatro grandes expedições militares do exército do governo da nova república brasileira dirigidas em ordem ascendente por: o tenente Pires Ferreira, o major Febrônio de Brito, o Coronel Moreira César e o General Artur Oscar com a propósito de destruir o Canudos. A segunda parte tem um único capítulo e serve de crônica jornalista para explicar como a distorção da verdade leva o conflito do Canudos a proporções inesperadas.

¹¹Gloria Ceide, "La guerra del fin del mundo: Aproximación a su estructura y significado", em: Exégesis, Revista del Colegio Universitario de Humacao, Año 10, No. 27-28, Puerto Rico: Universidad de Puerto Rico, 1996.

Por sua parte a estrutura da novela de Veiga¹² é muito mais simples e menos pretensiosa que a de Vargas Llosa. Sua obra não está dividida por partes numeradas, mas por secções com um pequeno título.

Estrutura da novela "A casca da serpente" (Jose J. Veiga)

PARTES	SECÇÕES					
A RETIRADA	I	II	III	IV	V	VI
HACIA O NORTE	I	II	III	--	--	--
OS VISITANTES	I	II	III	IV	V	VI
O SONHO	I	--	--	--	--	--
ARRUMAR O SERTÃO	I	II	--	--	--	--

A primeira parte da novela faz encaixe histórico com a última expedição militar contra Canudos ocorrida em outubro de 1897. A segunda parte desenvolve a travessia de Antônio Conselheiro e seus seguidores em janeiro de 1898 no sertão nordestino em busca de um lugar apropriado para levantar uma nova cidade que levaria o nome de Itatimundé. A terceira parte descreve o desenvolvimento de Itatimundé e a visita de personagens famosos, os quais falam da importância dessa cidade como modelo universal de convivência humana. A quarta e quinta parte dão a conhecer como o sonho do Antônio Conselheiro chega-se a concretizar: Itatimundé é a cidade da alegria, administrada pelo o mesmo povo em paz e justiça.

¹²Esta estrutura foi elaborada pelo autor deste artigo, tomando como modelo a estrutura utilizada por Gloria Ceide.

2. Os personagens das obras

Na obra *A guerra do fim do mundo* os principais personagens são: Antônio Conselheiro e seus seguidores. Entre estes últimos destacam-se os seguintes: o Beatinho (sacristão), João Abade e Pajeú (jagunços defensores do Canudos), Maria Cuadrado e Alendrina (círculo próximo do Conselheiro), Antônio Vilanova (administrador de Canudos) e o Leão de Natuba (secretário). Por outro lado temos o círculo de personagens que lideram os exércitos republicanos como: o major Brito, Teodósio Cavalcanti, o General Artur Oscar, o coronel Moreira, o tenente Ferreira, o Coronel Macedo e o soldado homossexual Queluz. Outros dos personagens com grande destaque na novela de Vargas Llosa são: o Barão de Canabrava especialmente na terceira parte; o jornalista míope na segunda parte; o anarquista Galileo Gall, quem aparece na segunda e terceira parte; e Jurema, a mulher da discórdia entre vários homens, quem está presente tanto na primeira, terceira como na quarta parte. Apesar de que a novela de Vargas Llosa tem muitos personagens secundários, os mencionados são os mais importantes.

Na novela *A casca da serpente* o número de personagens é muito menor que a monumental novela de Vargas Llosa. Nas principais partes se destacam: Antônio Conselheiro e seus seguidores que conseguem abandonar Canudos antes de sua destruição. Eles junto com Antônio Beatinho, quem foi aniquilado pelos soldados republicanos durante a sua missão de paz, completaram doze em total, e são os seguintes: Joaquim Norberto, Quero-Quero, Dedé de Donana, Quim Pisapé, Sinfrônio de Quipapá, o cabo Nestor Borralho, Baianinho Conçalves, Boanérquio Guerreiro, Bernabé de Carvalho, Pedrão (chamado também Esfolavam) e Sirésio Bailão. Outros importantes personagens que se incorporaram aos seguidores do Conselheiro são: o jovem Desdor e Marigarda, a prima do Conselheiro, ambos sobreviventes do último assalto militar a Canudos e privilegiados de ser testemunhas da ressurreição do Conselheiro. Na terceira parte os principais personagens são os visitantes de Itatimundé. Entre eles figuram os irlandeses Cotemile e Pião, o famoso fotógrafo do Rio de Janeiro Militão Augusto de Azevedo, a famosa artista Francisca Edwige (conhecida como Chiquinha), e o científico Dr. Orville. Na quarta e quinta parte que levam o mesmo

titulo de "O sonho", os personagens principais são: o Antônio Conselheiro e o anarquista russo conhecido como Pedro, os artífices intelectuais da cidade da utopia: Itatimundé.

3. O espaço e o tempo

Na prosa literária de Vargas Llosa percebe-se a influência do "realismo" renovado pelas técnicas pós-modernas de autores como: Joyce, Hemingway e Faulker.¹³ Pode-se afirmar que *A guerra do fim do mundo* é a culminação de uma série de obras literárias que denotam a grande capacidade artística do autor para elaborar uma estrutura narrativa utilizando múltiplos espaços e tempos, onde se desenvolvem também múltiplos personagens, pontos de vista e histórias em uma simultaneidade rítmica.¹⁴ Na *Guerra do fim do mundo* a ação se produz entre dois centros geográficos principais: Canudos no interior do sertão perto da linha divisória de Bahia com Alagoas e Pernambuco, e Salvador na costa da Bahia. A ação se inicia no centro de Bahia e conforme se desenvolve o drama, esta se desloca para Canudos, até se concentrar completamente ali. Sobre o tempo pode-se dizer algo similar. O primeiro capítulo da primeira parte abarca os vinte e cinco anos, nos quais o Conselheiro se desloca pelo sertão reconstruindo igrejas e cemitérios de um povo ao outro. Depois o tempo vai diminuindo e a ação se concentra no período de 1893 até 1897, quando se funda e se desenvolve a cidade de Canudos. Por último a maior parte da obra se concentra no período de outubro a dezembro de 1897, quando se produzem as expedições militares contra Canudos. Neste último período o tempo se desenvolve ainda mais

¹³José Miguel Oviedo Mario Vargas Llosa: la invención de una realidad, Barcelona: Editorial Seix Barral, S. A., 1982, p. 308-312;

¹⁴Respeto a técnica conhecida como "simultaneidad rítmica" o "os vasos comunicantes" o mesmo Vargas Llosa a definiu da seguinte maneira: "Consiste em associar dentro de uma unidade narrativa acontecimentos, personagens, situações, que ocorrem em tempos ou lugares distintos; consiste em associar o em fundir estes acontecimentos, personagens, situaciones. Quando se fundem em uma realidade narrativa cada situação aporta suas próprias tensões suas próprias emoções, suas próprias vivências e desta fusão emerge uma nova vivência, que é a que me parece que vai precipitar un elemento extraño, inquietante, per turbador, que vai dar essa ilusão de vida." Mario Vargas Llosa, "La novela", (Conferencia pronunciada no paraninfo da Universidade da República, Montevideo, Uruguay, 11 de agosto de 1966), Montevideo: Edición de Cuadernos de Literatura, Núm. 2, 1968, p. 22. In: José Luis Martín, La narrativa de Vargas Llosa. Aceramiento estilístico, Madrid: Editorial Gredos, S. A., 1974, p. 181.

intensamente.¹⁵

E certo que as técnicas narrativas de José J. Veiga não são tão complexas como as de Vargas Llosa, porém é importante destacar que o primeiro move os personagens e espaços em sentido inverso comparado com o escritor peruano. A cidade de Canudos ocupa a sua atenção somente na primeira secção da primeira parte, servindo como ponto geográfico de referência para entroncar a história descrita por Euclides da Cunha e Vargas Llosa. As passagens em que o Conselheiro fugiu através do sertão até chegar ao alto de Canabrava, onde permanecerá com os seus discípulos até que passe o perigo do exército republicano, ocupam desde a segunda até a sexta secção da primeira parte. Uma vez constatada a total destruição de Canudos e que o perigo das tropas militares havia passado, Conselheiro e seus seguidores continuam seu deslocamento desde o alto de Canabrava até chegar a serra de Ariranga nos primeiros dias de janeiro de 1898. Tal deslocamento é narrado desde a primeira até a terceira secção da segunda parte. Da quarta secção da segunda parte até o final da quinta parte, Itatimundé, a nova cidade construída pelo Conselheiro, será o centro geográfico principal da novela.

O mesmo se pode dizer com respeito ao ritmo do tempo: este se desenvolve contrario ao da novela de Vargas Llosa, ou seja, os ritmos periódicos do tempo em lugar de diminuir vão aumentando. O tempo utilizado para referir-se a destruição de Canudos é somente um dia, ou seja, 2 de outubro de 1897, quando Conselheiro e seus discípulos abandonam a cidade. Por outro lado, na fuga de Canudos até o alto de Canabrava, o ritmo do tempo vai se estendendo até alcançar aproximadamente um mês e meio, se consideramos a data do 17 de outubro de 1897 para encerrá-lo. O próximo período de tempo se inicia quando os personagens se deslocam do alto de Canabrava á serra de Ariranga e se estende até os primeiros dias de janeiro de 1898, com um total de dois meses e meio. Por último, temos o período de tempo mais extenso onde se realizam os sonhos do Conselheiro, com um total aproximado de 24 anos, que finalizam com sua morte aos 94 anos de idade.

¹⁵GFM.

4. A retirada do Canudos

Pode-se afirmar que o único ponto de entronque entre as obras citadas de Euclides da Cunha, Vargas Llosa e "A casca da serpente", de José J. Veiga é a última expedição militar a Canudos. De acordo com os relatos de Euclides da Cunha e Vargas Llosa o Conselheiro morre pouco antes de que os soldados tomassem Canudos. Quando os soldados entraram em Canudos perguntaram aos sobreviventes sobre Antonio Conselheiro. Depois de saber que Conselheiro estava morto, os soldados desenterraram seu corpo e cortaram-lhe a cabeça, que foi levada como troféu de guerra por parte das tropas republicanas. Jose Veiga recria esta parte da história descrevendo que, enquanto Antônio Beatinho e Bernabé Jose de Carvalho se encaminhavam ao encontro do general Artur Oscar em missão de paz, para comunicar-lhe que os jagunços queriam se entregar, o Conselheiro junto com seus seguidores mais próximos, planejavam o modo de abandonar Canudos. Os jagunços, com o propósito de enganar os soldados do exército da República, desenterraram a Balduino, um guerreiro que havia falecido recentemente e que fisicamente se parecia muito a Conselheiro, e lhe vestem com a túnica azul dele. Enquanto isso, o Conselheiro junto com os mais achegados, abandonam Canudos ao final da tarde do dia 2 de outubro de 1897, poucos dias antes que a cidade caísse nas mãos dos soldados da nova República. Na recriação literária do Jose Veiga, somente alguns jagunços membros de uma "brigada suicida" ficaram defendendo Canudos. Assim o Conselheiro consegue fugir para o sertão e quando os seus inimigos desenterram o corpo do Balduino acreditaram ter em suas mãos o corpo do Conselheiro. A partir desse episódio, onde inclusive citam textualmente as notícias de Euclides da Cunha sobre a última expedição em Canudos, o relato de Veiga continua recreando a vida do Conselheiro, quem se desloca pelo sertão em busca de um lugar para fundar uma outra cidade donde reinasse a paz e a justiça.

5. O novo ambiente

Desde o início da novela de José Veiga se nota a mudança radical de ambiente. O sertão, onde se desenvolve a ação de Conselheiro apresenta as mesmas dificuldades da lei da guerra, num mundo onde "se dizia que um filho chora e a mãe dele não escuta,

onde o diabo ri e Deus não põe resistência"; simultaneamente é "o lugar donde tudo pode acontecer", um lugar " muito lindo". Apesar de que Veiga procurou na primeira parte de sua novela encaixar a parte final da última expedição militar de Canudos, nota-se que Veiga procura estabelecer desde o início uma descontinuidade com relação ao ambiente violento, tenso e repleto de angústia criado por Vargas Llosa. Apesar de Conselheiro e seus seguidores estarem fugindo dos soldados republicanos, o relato permite ao leitor entrar em outro mundo, onde está presente o tom humorístico. Esta mudança de ambiente tem a ver também com a disposição dos personagens, que saem dos esquemas fanáticos em que foram apresentados na *Guerra do final do mundo*.

Um exemplo disso é a seguinte descrição dos seguidores do Conselheiro, quando vão fugindo pelo sertão: "Sabendo em fim, para donde ir e que fazer nos próximos dias, as semanas, os meses, tudo dependendo do que Deus mandasse, eles sentiram um relaxamento repentino, que mudou completamente o comportamento de cada um deles, sentiam uma grande vontade de fazer e de aceitar brincadeiras, de fazer coisas que unicamente haviam feito na sua infância. Uma vontade de falar, de cantar, de assoviar, de rir ao menor pretexto ou por nada, sem se incomodar com a presença do Conselheiro."¹⁶ A nova atmosfera desta novela não somente recria o tom humorístico dos personagens, senão que também provoca riso no leitor. Um exemplo é a passagem de Dedé de Donana, que sem poder controlar uma crise de diarreia, "respinga" a bota de seu companheiro Bernabé diante do Conselheiro.

6. Novas perspectivas de conceber a missão de Conselheiro

Na novela de Vargas Llosa a descrição corpórea do Conselheiro aparece ligada a sua missão: "homem alto e tão magro que parecia sempre de perfil. Sua pele era escura, seus ossos proeminentes e seus olhos ardiam com fogo perpétuo... as mulheres que já lhe conheciam e lhe faziam rezas e se apressavam a trazer-lhe jarras de leite de cabra e pratos de farinha e feijão. Mas ele não comia, nem bebia antes de chegar até à Igreja do povo e comprovar uma vez, mais uma e cem vezes, que estava com rachaduras, sem

¹⁶CS. p. 18.

pintura, com suas torres destruídas e suas paredes perfuradas e seus solos levantados e seus altares carcomidos pelos cupins. Entristece-lhe o rosto com uma dor de retirante, a quem a seca matou filhos e animais e privado de bens e deve abandonar sua casa, os ossos de seus mortos, para fugir, fugir sem saber aonde. Às vezes chorava e o fogo negro de seus olhos recrudescia com faíscas terríveis. Imediatamente começava a rezar. Mas não como rezam os demais homens e mulheres, ele se deitava debruço na terra ou nas pedras, ou nas lojas destruídas, em frente do lugar, onde havia estado ou deveria estar o altar, e ali orava, as vezes em silêncio, e as vezes em voz alta, uma, duas horas, observado com respeito e admiração por seus vizinhos."¹⁷

Essa apreciação ascética de Conselheiro adquire outras dimensões na novela de Veiga. Certamente, igual que Vargas Llosa, relaciona a missão de Conselheiro com o corpóreo mas desde outra perspectiva. Veiga deixa de lado a missão profética de Conselheiro, que na literatura apocalíptica enfatizava o juízo final do mundo, para priorizar então uma nova etapa de sua missão profética: anunciar na tradição do profeta Isaías e na visão do Evangelho de João a utopia do novo céu e da nova terra.¹⁸

7. Apreciação do corpóreo

Vargas Llosa descreve a humanidade de Conselheiro, negando sua corporeidade e enfatiza sua vida acética. O autor tem a intenção de lutar contra todo fanatismo. Um ponto culminante é quando, no momento da morte do Conselheiro, Beatinho tratava de interpretar a mensagem dos ruídos e o excremento que saía de seu corpo, e pensava que isso "não era excremento, porque o excremento é sujo e impuro e nada que provenha dele pode sê-lo."¹⁹ Veiga pelo contrário apresenta o defecar como uma ação normal e comum na vida do Conselheiro. Deste modo, na sua fuga pelo sertão, quando se apresenta o momento em que Conselheiro necessita defecar, Dedé de Donana, Bernabé e os outros acompanhantes acanhavam-se porque já não estava o Beatinho, quem se encarregava de atender Conselheiro nestes assuntos. Mas esse acanhamento desaparece

¹⁷GFM, p.15.

¹⁸Respeto esta tesis central na novela de Vargas Llosa véa-se a secção "La guerra contra el fanatismo", en: Menton Seymour, op. Cit. , p. 67-101.

¹⁹GFM, p. 513.

quando Conselheiro, a quem levam carregado num bangüê, lhes diz: "Estão acanhados porque? Eu só quero aliviar a bexiga e a barriga, e não preciso de auxílio para isso. Basta que me levem atrás daquela pedra ali e me deixem lá. Vamos, molezas!"²⁰

Na novela de Vargas Llosa, Conselheiro é descrito como uma pessoa ascética, para quem a comida não desperta muito interesse. As orações, as rezas e os jejuns adquirem uma grande primazia frente a comida. A comida não é sinônima de desfrute, mas unicamente o meio para reconstituir as forças perdidas a fim de continuar a missão profética da reconstrução de cemitérios, igrejas, anunciar o juízo vindouro e rezar pedindo a Deus sua proteção dos ataques do anticristo. Em Veiga, pelo contrário, nota-se um descenso paulatino nas rezas, orações, jejuns de Conselheiro e um ascenso no interesse pela comida. Por isso surge a pergunta do Conselheiro no caminho, quando fugiam de Canudos: "Vocês não falam que era hora de alguém estar armando uma trempe para cozinhar a janta? O ninguém vai jantar hoje?"²¹

As descrições físicas do Conselheiro por parte de Vargas Llosa mencionam que seu corpo delgado e esquelético, levava unicamente uma túnica azul e as sandálias de coro. Em Veiga o fato, de que o Conselheiro deixara sua túnica azul com o Balduino, não significa somente um engodo para fazer crer aos soldados republicanos que ele estava morto, senão que no fundo, significa haver deixado a velha casca da serpente para cobrir-se com outra. Em outras palavras, Conselheiro inicia uma nova forma de entender seu próprio corpo. Por isso quando chegam a uma fonte de água, Conselheiro decide desfrutar-la e comenta com seus seguidores: "Pois eu vou experimentar essa bacia. Estou precisando limpar o "ceroto". Também eu sou filho de Deus."²² Depois que Conselheiro tomou banho, Bernabé e os outros discípulos ficaram assombrados de vê-lo penteando os cabelos recém lavados e de observá-lo olhando seu braços e pernas, com muita curiosidade e inocência. Em contraposição as descrições de Conselheiro na narrativa de Vargas Llosa, onde é negada sua corporeidade, em Veiga este personagem

²⁰CS, p. 15.

²¹CS, p. 19.

²²CS, p. 30.

descobre, assume, aceita e ama sua própria corporeidade.²³ Essa nova atitude em relação ao corpóreo chega a seu ponto culminante quando Conselheiro, já está instalado na cidade de Ititamundé, se veste com roupas normais como os outros moradores, se corta a barba e o cabelo. Sua prima Marigarda lhe diz que ele é bonito e Conselheiro contesta: "Então posso ser o teu tio. Sobrinha bonita não pode ter um tio feioso."²⁴

8. Do messias humilhado ao messias ressuscitado

As últimas palavras que o autor onisciente²⁵ na obra de Vargas Llosa coloca na boca de Conselheiro no momento de sua morte, são as mesmas que dirige ao ex-comerciante Antônio Vilano: "Anda pelo mundo a dar testemunho, Antônio, e não voltes a atravessar o círculo. Aqui fico eu com o rebanho. Para lá irás tu. És homem do mundo, anda, ensina a somar aqueles que esqueceram a lição. Que o Divino Espírito Santo te guie e o Pai te abençoe. - Leva contigo a família, para que não estejas só - sussurra Conselheiro- E leva contigo os forasteiros amigos do Padre Joachim. Que cada qual conquiste a salvação como o próprio esforço, assim como tu, filho."²⁶ Em seguida o Padre Joachim inclina-se junto ao peito de Conselheiro e balbucia: "Ha rendido sua alma a Deus." Assim é como Vargas Llosa descreve a morte de Conselheiro pouco antes da caída definitiva de Canudos na quarta e última expedição militar. A morte de Conselheiro como messias é apresentada com figuras paralelas às utilizadas no Evangelho para referir-se a Jesus como o cordeiro abatido. Assim é o caso do Beatinho que pressentia a morte do messias desde o momento em que uma bala perdida dera morte ao carneiro que leva Alejandrina Corres, quando acompanhava ao Conselheiro

²³Nas reflexões atuais de várias escritoras e escritores do Brasil o aspecto corporal tem um papel importante na compreensão da espiritualidade. Véase, por exemplo: Ivone Gebara, *Vida Religiosa. Da teologia patriarcal a teologia feminista. Um desafio para o futuro*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 41-53.

²⁴CS, p. 123.

²⁵O narrador onisciente é quem tem o domínio sobre o tempo, o espaço, os acontecimentos e os personagens. Ele se encontra por cima do mundo narrado, e desde aí o domina em sua totalidade. Sobre o tema: Fernando Arturo Arce, *Literatura hispanoamericana contemporânea*, San José: EUNED, 1982, p. 13-33.

²⁶GFM, p. 637.

depois de voltar do templo. O narrador onisciente fez o paralelismo de Conselheiro com Jesus, como messias humilhado através do Beatinho, quando diz: "Essa foi uma das últimas vezes que Conselheiro saiu do santuário" e pensa em silêncio: "Não se ouvia mais a voz dele, já estava no horto das oliveiras."²⁷

Para Vargas Llosa, igual que para Euclides da Cunha, é claro que Conselheiro morreu na última expedição militar contra Canudos. Não obstante, Vargas Llosa levanta a pergunta da ressurreição do messias através de outros personagens em três ocasiões. A primeira é de uma velhinha que pouco antes de morrer pergunta: "E o Conselheiro, e o Conselheiro? É certo que subiu ao céu, que se lhe levaram os anjos? Sobre isso o León de Natuba, com uma clara percepção de que a velhinha se encontra na última hora, responde: "Subiu... Foi levado pelos anjos."²⁸ A segunda situação se dá em condições similares quando os soldados republicanos entram na fase final do assalto a Canudos e com tochas começam a incendiar as favelas. O León de Natuba logra escapar momentaneamente com outras oito pessoas ao meter-se num túnel. Quando contempla as chamas que consomem as favelas recorda as palavras de Conselheiro: "Haverá três fogos. Os três primeiros os apaguei e o quarto eu oferecerei ao Bom Jesus." Uma voz tímida dos presentes responde com outra pergunta: "E o Conselheiro, León? Ao qual o León de Natuba contesta: "Subiu... se lhe levaram os anjos." A terceira vez que se pergunta sobre a ressurreição do Conselheiro é a continuação da situação antes mencionada, quando uma mulher pergunta: "É verdade, que o Conselheiro subiu ao céu? Esta pergunta não é contestada por León de Natuba, pois sua mente está posta na enorme catástrofe, dor e a morte dos últimos resistentes de Canudos."²⁹ Então podemos resumir falando que Vargas Llosa apresenta Conselheiro como o messias humilhado e que a pergunta da ressurreição não aparece senão na boca das mulheres na última fronteira de sua existência humana.

Si na obra literária de Vargas Llosa o Conselheiro é apresentado como o messias humilhado, em Veiga poderíamos afirmar que se apresenta como a figura do messias

²⁷GFM, p. 638.

²⁸GFM, p. 546.

²⁹GFM, p. 550-551.

ressuscitado. Como vimos anteriormente, o ponto de partida de Veiga é que Conselheiro não morreu na quarta expedição militar contra Canudos, senão que logrou escapar antes do assalto final e se refugiar no sertão, para iniciar logo a construção da nova cidade - Itatimundé. Conseguiram enganar os soldados com o cadáver de Balduino coberto com a túnica azul. O Conselheiro libertando-se da morte, pode iniciar uma nova etapa da sua vida. Certamente os diários da época apresentaram em manchetes, não só a narração dos fatos que destruíram Canudos e seu máximo líder, senão que também fotos do cadáver do Conselheiro, a prova mais contundente da morte do revoltoso. Para todos, sua morte era um fato. Veiga, porém utiliza o tempo, as analogias e diferentes personagens históricos para dar a conhecer imagens do Conselheiro como o ressuscitado. Sob o tempo: pode-se notar que as secções dos, três e quatro compreendem espaços de tempo que recordam os três dias que Jesus permaneceu sepultado antes da sua ressurreição. O anterior não é coincidência do autor, pois a secção número quatro é explícita em mencionar, que quando Pedrão e Quero-Quero regressam das ruínas de Canudos, era domingo.

Outro exemplo é a analogia da ressurreição com a passagem do Antigo Testamento das pessoas que se salvaram na arca do Noé (Gênesis 6-9). Essa analogia se pode notar nas palavras que o Conselheiro dirige a Pedrão e Quero-Quero, quando estes voltam de Canudos: "E agora vamos ver as ramas de oliveira que nossas pombas trazem no bico."³⁰ Também se narra o reencontro do Conselheiro com outras pessoas que lhe haviam conhecido antes da destruição de Canudos a fim de dar a conhecer a ressurreição. As primeiras pessoas sobreviventes de Canudos, que viram novamente o Conselheiro foram o menino Dador e Mariagarda. Algum tempo depois da destruição definitiva de Canudos, quando Bernabé, Quero-Quero e Pedrão vão as ruínas, os encontram, como únicos sobreviventes que moram naquele lugar. Dador foi o primeiro a ver o Conselheiro. Quando ele vê o Conselheiro corre, ajoelha-se diante dele e pede sua benção. Conselheiro lhe abençoa e lhe diz: "É bom voltar a te ver outra vez,

³⁰CS, p. 30. O texto bíblico, se refere a pomba que foi enviada para saber si as aguas do diluvio haviam descido, dice: "Voltou ela para Noé sobre a tarde, trazendo no bico, um ramo de oliveira. Assim conheceu Noé, que as aguas se tinham retirado de cima da terra."(Gênesis: 8: 11).

Dasdor. Mas te levanta!"³¹ Esse é o momento chave em que também vai mudar a saudação entre Conselheiro e seu seguidores. As saudações não serão "“ Louvado seja o Bom Jesus", pois o mesmo Conselheiro disse-lhes que é suficiente saudar-se com um "suscristo". Apesar da sutileza, com que o autor procede a mudança desta saudação direta, teologicamente podemos dizer que existe uma grande diferença entre ambas saudações, pois se o nome Jesus refere-se ao carpinteiro de Nazareth, o nome Jesuscristo se refere também ao ressuscitado.

Outro personagem criado por Veiga, que partilha na ressurreição do Conselheiro é Marigarda, quem nos lembra a Maria Madalena dos Evangelhos³². No princípio ela acreditava que os seguidores do Conselheiro estavam zombando dela, quando afirmavam sua ressurreição. Quando ela, sob a guia de Pedrão e Quero-Quero, chega ao lugar onde estava o Conselheiro, ele estava dormindo, mas ela o reconhece imediatamente. Enquanto o observava detalhadamente, desde os pés até a cabeça, ia pensando: "Como podia ser aquilo? O Conselheiro não tinha morrido no fim de setembro, diziam que ferido por um pedaço de bomba quando passava da igreja para o santuário durante um bombardeio? E o corpo não tinha sido desenterrado depois e os federais, para terem certeza que era ele mesmo, tanto que fizeram um documento contando isso? Então ele ressuscitou? E a cabeça, que os federais cortaram e levaram para comprovar? Onde ele achou outra para ressuscitar?"³³ De acordo com o autor, Marigarda, tinha partilhado em procissões que carregavam ao Senhor morto, mas o fato do Conselheiro continuar com vida, era um milagre. O encontro entre Marigarda e Conselheiro é semelhante ao encontro dele com o menino Dasdor. Ela diz: "Abençoa, meu bom Jesus" e ele responde com a nova saudação: "suscristo". Depois ela contesta com o humor que caracteriza esta obra literária: "Vejo, que o bom Conselheiro ressuscito com muito vigor, graças a Deus e a Virgem Santa."³⁴

Um científico que havia trabalhado para o governo republicano fazendo estudos

³¹Ibid.

³²Ver: Evangelio de São Mateo 28:1-10; Evangelio de São Marcos 16:1-11; Evangelio de São Lucas 24:1-12 e Evangelio de São Juan 20:1-18.

³³CS, p. 71.

³⁴CS, p. 75.

de terreiros e minas, Dr. Orville, é outro personagem de Veiga, que chegando a Itatimundé se converte em testemunha da ressurreição do Conselheiro. Quando percebe que Conselheiro está aí sentado na mesa exclama: "Deixem ver se entendi... O Antônio Conselheiro, que morreu num bombardeiro de Canudos, e foi depois desenterrado pelas tropas federais, e fotografado, e degolado, achou um jeito de ressuscitar e aparecer aqui? É incrível! Eu vi as fotografias nos jornais do Rio de Janeiro!"³⁵ Depois ele mesmo diz: "Foi uma decepção de guerra como se dizer. E aconteceu. Ouça o resultado aí. O morto continua vivo. Apenas mudou de casca e de nome!" O ápice desta conversa do Dr. Orville com Conselheiro e os que estavam na mesa, é uma bela música executada por Chiquinha, que produz, não somente uma grande harmonia com a vida, mas também uma alegria interna, de tal maneira que cada um vai se acomodando e terminam dormindo, embriagados de música

Outro personagem de José Veiga, é o fotógrafo Militão Azevedo. Assim como as autoridades tiraram fotos do corpo de Conselheiro para dar testemunho de sua morte, a voz narrativa na "A casca da serpente" também utiliza o recurso moderno das fotos de Militão Azevedo, que dão testemunha da ressurreição do Conselheiro, apresentado-o assim como o messias ressuscitado.

9. A serpente da vida

Na cotidianidade do sertão a luta pela vida está ligada a luta contra as serpentes. Na "Guerra do fim do mundo" se descreve essa realidade do sertão da seguinte maneira: "Os sertanejos devem ter viajado dia e noite com paus e facas e houve retirantes que chegaram a matar cem serpentes num só dia."³⁶ Diante do perigo cotidiano de uma picada de serpente, Conselheiro parecia estar imune as picadas de serpentes. Como quem exerce poder sobre o mal. Nas pregações do Conselheiro a serpente tem um papel importante. Daí a lembrança das passagens do Antigo Testamento que mencionam a Moisés levantando a serpente de bronze no sertão (Números 21:1-9), a fim de salvar aos

³⁵Ibid. 137.

³⁶GFM, p. 29.

que eram picados.³⁷ Em Vargas Llosa as serpentes não são somente o símbolo mítico do sertão, mas a representação do mal. Assim Conselheiro profetiza a invasão das serpentes que virão a Belo Monte e picarão as pessoas, salvando-se somente aquelas que conservaram sua fé. Os soldados da república são vistos também como cobras venenosas ao serviço do anticristo.

Veiga, pelo contrário apresenta outra concepção da serpente, e inverte o quadro de Vargas Llosa. A voz narrativa descreve uma cena vista pelos personagens Cotemile e Pião, onde um aracuaí luta contra uma serpente, a vence e a leva no seu bico para comê-la. Esta cena permite o diálogo entre ambos personagens. Pião dizia que ali manifestava-se a luta das espécies como explicara Darwin. Cotemile, por sua parte, refutava a teoria darwiniana da eterna luta por sobrevivência e dava exemplos de diferentes lugares, que ele viu em Ásia, onde diversos animais podiam viver harmoniosamente.³⁸ A serpente em Veiga perde o seu veneno convertendo-se não somente em um animal que oferece carne fresca e alimentação para os viajantes no sertão, mas também naquele que salva a vida do Conselheiro. Quando este se encontra muito enfermo, chega a recuperar sua saúde com um caldo de carne de cobra preparado por Marigarda. Em tanto que Vargas impõe a teoria darwinista, Veiga sublinha no tom do profeta Isaías a convivência pacífica do ser humano com a serpente. A serpente, como animal mítico, não é associada às forças do mal, mas apresenta num relacionamento harmonioso com o ser humano.

10. A nova espiritualidade

A espiritualidade do Conselheiro na obra de Euclides da Cunha e Vargas Llosa são descritas como um fanatismo religioso baseado em longos tempos de choros, orações e jejuns. Na obra de Veiga pode-se notar uma mudança paulatina de atitude na espiritualidade de Conselheiro. Quando eles van fugindo de Canudos, apesar dos riscos que isso pode supor, Conselheiro pede a Bernabé e aos demais que o levam num bangüê, que se detenham para rezar umas "Aves Mariás". Joaquim Norberto e o cabo

³⁷GFM, p. 215.

³⁸CS, p. 142-143.

Nestor sentem-se afligidos pelo perigo que isso significava frente a eminente caída de Canudos. Bernabé, substituto de Beatinho, questiona a espiritualidade de seu guia. Quando via Conselheiro rezando se perguntava: "Para que rezar tanto? Mais bem, não será que tanta reza muito prejudica? Chama ele a Deus e aos santos? E se dizia a si mesmo que "quicá o Conselheiro poderia explicar essas perguntas a respeito da meditação (...)", mas às vezes ele duvidava dizendo: "Mas quem vai formular estas perguntas ao Conselheiro?"³⁹ Uma vez que chegam no alto do morro novamente o Conselheiro, lembrando o texto bíblico de São Mateus que exige manter-se vigilante, junto aos outros se ajoelha para rezar.

No trajeto de fuga, porém se vai produzindo uma mudança na espiritualidade do Conselheiro, pois as rezas vão diminuindo. No sertão não se encontram os templos, nem os cemitérios que antes Conselheiro lutava por reconstruir. Então ele começa a falar muito mais da necessidade de arrumar a casa interna de cada um. Seus seguidores notam que a linguagem do Conselheiro vai mudando, pois já não cita textualmente a Bíblia e utiliza uma linguagem mais comum. Dessa maneira a reza vai adquirindo o significado de agradecimento e não de fazer pedidos impossíveis para Deus. A alegria ausente nos relatos de Vargas Llosa aparece na narração de Veiga, como parte da mudança de espiritualidade que experimenta nesta nova fase da sua vida. Conselheiro recordava com alegria e satisfação que a sua estratégia para enganar aos soldados defensores da República havia dado resultado. Nesta nova etapa da sua vida Conselheiro considerava a espiritualidade no sentido das palavras do Evangelista que dizia: "Nenhum que mete a sua mão no arado, e olha para trás, é apto para o Reino de Deus." (São Lucas 9:62). Com isso queria dizer que deixava o passado a um lado e iniciava a luta pela construção de uma cidade melhor que Canudos. Os sonhos de Conselheiro sobre a árvore da vida plantada em Ititamundé e os planos da cidade elaborado em papel junto com Pedro vão complementando a nova vivência espiritual do Conselheiro, que o distanciava do monge descrito na *Guerra do fim do mundo*.

³⁹CS, p.

11. Do autoritarismo à vida comunitária

Na narrativa de Vargas Llosa o Conselheiro aparece como um profeta misterioso, quem com suas rezas, orações, seus chamados proféticos contra os ímpios, suas pregações sobre a necessidade de salvar a alma, suas críticas contra as injustiças da nova republica com os pobres, vai afirmando sua autoridade com relação aos seus seguidores. Um exemplo é quando Beatinho se inclina a beijar a borda da túnica do Conselheiro e seus pés cheios de calos e lhe manifesta seu desejo de segui-lo até o fim do mundo. Conselheiro lhe pede que olhe no seu rosto e logo lhe pergunta se ama a Deus como para lhe oferecer dor. Depois entrega um cinto que Beatinho deve levar pendurado na sua cintura. Mas não permite que o siga. Sete meses depois, quando o Conselheiro regressa a Pombal, Beatinho manifesta novamente que o quer seguir, mostrando o cinto que levava na cintura. Nesse momento Conselheiro permite a Beatinho ser seu discípulo.

Na prosa de Veiga se produz um giro total na atitude do Conselheiro, que rechaça o fanatismo de seus seguidores. É o caso do menino Dasdor, quem igual que o Beatinho se joga ao seus pés a fim de receber a benção e venerá-lo. Mas o Conselheiro, depois de abençoá-lo, ordena que se levantar. Além disso, diz a Pedrão e a Quero-Quero: "De agora em diante, acabam as benções e os ajoelhamentos. O único que recebe a bênção aqui é Dasdor, porque ele é órfão e agora não tem barba. Não quero mais "velhos" se ajoelhando em minha frente e babando a minha mão. Basta saudar com um "suscristo".⁴⁰

Em Vargas Llosa, o autoritarismo fanático que assume o Conselheiro se pode notar também na passagem onde o João Grande é nomeado como chefe da "Guarda Católica": "Tu formarás a Guarda Católica... a dirigras. Hás sofrido muito, estás sofrendo agora. Por isso sois digno. O Padre ha dito que o justo se lavara as mãos no sangue do pecador. Agora sois um justo, João Grande."⁴¹ Na obra de Veiga, ao contrario, depois que o Conselheiro fica sabendo que o Anticristo se retirou de

⁴⁰CS, p. 31.

⁴¹GFM, p. 216.

Canudos, quando já existem as condições de abandonar seu esconderijo na serra, resolve que as decisões seriam tomadas não de cima para baixo, mas democraticamente, em grupo. Ele particularmente queria iniciar a construção de um novo Canudos em outro lugar. Com esse novo procedimento sua opinião é discutida pelo grupo de seguidores e conjuntamente decidem iniciar um novo Canudos, que se chamará Itatimundé, longe do lugar onde ficaram as ruínas e as marcas do anticristo. Bernabé meditando nesse novo processo que se iniciava na comunidade, disse: "Me alegro ver que o bom Conselheiro se interessa da opinião de seus humildes seguidores sobre os assuntos que dizem respeito a nosso futuro e nossas decisões."⁴² Vemos que com a decisão mesma de iniciar um novo Canudos, nasce simultaneamente uma nova maneira de assumir o projeto, não baseado numa direção autoritária de fanatismo religioso, mas como uma iniciativa comum a todos e onde todos e todas devem assumir responsabilmente sua participação.

12. Da leitura unilateral à leitura coletiva da Bíblia

A leitura da Bíblia é um elemento muito importante em ambas as novelas. Na "Guerra do fim do mundo" os textos privilegiados giram em torno do juízo final segundo as profecias de Mateus 24:15-35, Lucas 21:25-33 e Apocalipse. Na "casca da serpente" os textos preferidos e inspiradores se desprendem do profeta Isaías que entoou um cântico novo e anuncia a nova criação de todas as coisas, que estão por chegar (Isaías 54: 22), assim como as passagens da literatura de João, não em torno do juízo vingador de Deus, mas da criação de uma nova terra e um novo céu (Apocalipse 21:17).⁴³ Na leitura da Guerra do fim do mundo parece que a interpretação da Escritura estava reservada ao Conselheiro, quem tinha a autoridade para decifrar através de sonhos e visões a Palavra de Deus. Na obra de Veiga, a leitura coletiva da Bíblia nos lembra as práticas das comunidades eclesiais de base que surgiram em El Salvador, Nicarágua e no Brasil, na década dos anos sessenta e setenta. A leitura da Bíblia se converteu numa ação diária: o Conselheiro e Bernabé se sentavam no centro da comunidade e este último lia em voz alta os textos do Evangelho.

⁴²CS, p. 50.

⁴³CS, p. CS, p. 54-55.

13. Itatimundé: a cidade utópica da alegria

Itatimundé chega a ser o novo Canudos. O lugar onde começa a construção da cidade da alegria, adoçada pelas relações justas e harmoniosas de todos seus habitantes e de todos aqueles estrangeiros que vinham visitá-la e se deixam inspirar na sua sabedoria. Os sonhos sobre o Rey Sebastião descendo do fundo do mar com seus exércitos para salvar a cidade de Canudos das garras dos soldados do anticristo durante as quatro expedições militares⁴⁴, desaparece no novo cenário de Veiga, para dar lugar a outros sonhos. Um dos sonhos do Conselheiro nos mostra a utopia da nova cidade. Conselheiro sonha também com um rei, não montado em um cavalo e pronto para a guerra, mas um rei que lhe mostrava uma linda árvore com uma grande casca em forma de escama.

A árvore produzia flores amarelas em forma de espiga, e uma fruta meio achatada e curva. O rei falava da beleza dessa árvore, de sua enorme riqueza e de suas flores que produziam um mel apetitoso, o qual se podia comer de diversas maneiras. Falava também da beleza de sua madeira que servia para fazer lindos móveis. O rei apresentava características universais, pois seus traços físicos pareciam ter origem de diversas nações. Ele pedia a Conselheiro semear essa árvore no Itatimundé.⁴⁵ Este sonho do Conselheiro chega a concretizar-se na novela de Veiga. Na descrição densa e angustiante de Vargas Llosa todo o drama da vida humana se inicia anunciando a guerra do fim do mundo e conclui com o massacre militar e a queima da cidade de Canudos. A perspectiva de Veiga se inicia anunciando e recriando em toda a narração *novos tempos e novos modos*⁴⁶. A trama central conduz a concretização dos sonhos de Conselheiro⁴⁷,

⁴⁴GFM, p. 95, 142, 198, 258, 302.

⁴⁵CS, p. 127. Em José J. Veiga é notória a influencia utópica do visionario de Patmos, que concluiu o libro da Revelação apresentando a cidade santa como a árvore da vida : "No meio da sua praça, e de uma e outra parte do rio, estava a árvore da Vida, que da doze frutos, produziendo em cada mês seu fruto, e as folhas da árvore servem para a saude das gentes."(Apocalipse 22:2).

⁴⁶CS, p. 64.

⁴⁷Em toda a novela de Veiga as únicas pasagens dissonantes com a visão utópica do autor são dois brevíssimos parágrafos al final da obra, onde se menciona que actualmente o povo de Concorrença de Itatimundé se encontra em problemas por a instalação de un depósito para basura atômica, administrada por uma industria química con sede ficticia no Principado de Mónaco. Esto para sinalizar que nao se puede apresentar todo o bom e desejavael de uma realidade sim considerar as

quem logra ver a nova cidade de Itatimundé e morre com idade avançada, como anunciaram as profecias de Isaías.

Itatimundé concretiza a utopia, porque nela se vive realmente uma vida comunitária longe da luta destrutiva do homem como lobo, que se experimentou em Canudos. Canudos não pode sobreviver porque foi pisada pelo Anticristo; Itatimundé ao contrário, é a cidade onde se concretiza os sonhos lindos do Conselheiro e de todos os seres humanos. Ali podem conviver em harmonia os jagunços sobreviventes de Canudos, representantes do governo republicano brasileiro, estrangeiro como o Dr. Orville, o periodista de Rio de Janeiro Militão Augusto de Azevedo, a compositora musical Francisca Edwiges, os irlandeses aventureiros Cotemile e Pião, assim como Pedro, um teórico do anarquismo, quem recebe grande inspiração desse projeto. Itatimundé é a cidade da verdadeira alegria, um modelo concreto de humanidade solidária que espalha seus raios de luz a muitas outras cidades do mundo.

Referência Bibliografia

Livros

Arce Vargas, Fernando Arturo, *Literatura hispanoamericana contemporánea*, San José: EUNED, 1982.

Boldari de Baldussi, Rosa, *Vargas Llosa: Un narrador y sus demonios*, Buenos Aires: Colección de Estudios Latinoamericanos, 1974.

Castro, Celso, *Os militares e a República, Um estudo sobre cultura e acção política*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

Da Cunha, Euclides, *Os sertões, Campanha de Canudos*, (Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão), São Paulo: Editora Ática, 1998.

Enkvist, Inger, *Las técnicas narrativas de Vargas Llosa*, Kungâlv: ActaUniversitatis Gothoburgensia, Suecia, 1987.

Gebara, Ivone, *Vida religiosa. Da teología patriarcal a teología feminista. Um desafio para o futuro*, São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

contradições e limitações que em todo caso impõe as situações concretas. CS, p. 154-155.

Gimaraes Rosa, João, *Gran sertón: Veredas*, Barcelona: Seix Barral, 1982.

Luckás, Georg, *La novela histórica*, México: Ediciones Era, 1966.

Seymour, Menton, *La nueva novela histórica de la América Latina 1979-1992*, México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

Vargas Ilosa, Mario, *La guerra del fim del mundo*, Barcelona: Editorial Seix Barral, Cuarta Edición, 1995.

Veiga, José Jacinto, *A casca da serpente*, Rio de Janeiro: Editoria Bertand Brasil S. A., Quarta Edição, 1994.

Artigos

Ceide, Gloria, "La guerra del fin del mundo: Aproximación a su estructura y significado", In: *Exégesis, Revista del Colegio Universitario de Humacao*, Año 10, No. 27-28, Puerto Rico: Universidad de Puerto Rico, 1996.

Elite Cavalcante, Raimundo, "A figura e a actividade de Antônio Conselheiro", In: José Comblin e outros, *Estudos Bíblicos*, No. 37, *Conselheiros conselheiras*, Petrópolis: Editorial Vozes, 1993.

Laboissière de Carvalho, María Luiza e de Oliveira Cabral, María Wellitania, "Historia e metaficção na novela *A casca da serpente*, de José J. Veiga", XI Congresso Internacional de ABRALIC, *Tessituras, Interações, onvergências*, USP- São Paulo: 13 a 17 de julio de 2008.

Pinto Netto, Joaquín da Costa, "Euclides da Cunha", In: *Revista de la Universidad Veracruzana*, Nueva Epoca, Abril-Junio, No. 42, México: Veraruz, 1982, p. 10-18.